

CANUDOS: RESSONÂNCIAS PARA ALÉM DO BRASIL / CANUDOS: RESONANCES BEYOND BRAZIL

Andreia de Lima Andrade*

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo analisar o diálogo existente entre as obras *Verdicto em Canudos*, de Sándor Márai e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Desde o título, da produção do húngaro, nota-se claramente a intertextualidade, principalmente se considerarmos que na constituição da própria palavra, *intertextualidade*, existe uma relação entre os textos. Assim, pretendemos realizar um estudo comparativo das obras supracitadas e discutir as peculiaridades que nos saltaram aos olhos e nos fascinaram diante desta sentença canudense. Para tanto, nos fundamentamos, especialmente, nos seguintes textos: “O Soldado Adormecido”, de Vasques da Cunha e “A estratégia da forma”, de Laurent Jenny.

PALAVRAS-CHAVE: Verdicto. Canudos. Sertões. Intertextualidade. Engajamento

ABSTRACT

This research aims to analyze the dialogue between the works Verdict in Canudos, by Sándor Márai and Os Sertões, by Euclides da Cunha. Since the title of the Hungarian production, intertextuality is clearly evident, especially if we consider that in the constitution of the word itself, intertextuality, there is a relationship between the texts. Thus, we intend to carry out a comparative study of the aforementioned works and discuss the peculiarities that leapt to our eyes and fascinated us in the face of this Canudos' sentence. For that, we are based, in particular, on the following texts: "O Soldado Adormecido", by Vasques da Cunha and "A estratégia da forma", by Laurent Jenny.

KEYWORDS: Verdict. Canudos. Sertões. Intertextuality. Engagement

* Doutoranda em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB . Campina Grande – PB – Brasil; Professora da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UAST/UFRPE. Serra Talhada – PE – Brasil. E-mail: andreiaipcg@gmail.com.

Para início de conversa...

“Um dia comecei a escrever sobre o que acreditava ter ficado de ‘fora’ do livro de Euclides da Cunha – ficara de fora, mas, poderia ter sido assim”; essas são palavras do escritor húngaro Sándor Márai. Através da nota no final do romance, ficamos sabendo que o autor, através de uma árdua leitura, chegou ao final de *Os sertões*, entre esgotado e arrebatado. Deslumbrado pela história do confronto entre as forças republicanas e o arraial de Canudos, comandado por Antônio Conselheiro, no sertão da Bahia, Márai decidiu escrever o que ele acreditava ter ficado "de fora". Ao final da leitura, ele declarou que sentiu como se tivesse estado no Brasil.

O romance conta a história testemunhada pelo ex-cabo do exército brasileiro, o irlandês Oliver O’Connel, que relembra, meio século depois, o dia em que as forças do governo abateram o arraial de Antonio Conselheiro. É muito interessante como Márai surpreende o leitor ao criar uma obra que apesar de reportar para um fato histórico ocorrido no Brasil no final século XIX, dialogar com a obra-prima de um autor de nossa literatura, consegue nos surpreender pela atualidade com que discute questões tão relevantes, a exemplo da dificuldade em discernir de que lado está a civilização e a barbárie quando um combate apaga as fronteiras entre o bem e o mal.

É notório que objetivamos mostrar nesse ensaio o diálogo existente entre *Verdicto em Canudos*, de Sándor Márai e *Os sertões*, de Euclides da Cunha, mas, não somente isto, desejamos também realizar uma pequena análise da obra em questão e discutir peculiaridades concernente a ela, detalhes que nos saltaram aos olhos enquanto leitora e nos fascinaram diante desta sentença canudense. A base teórica para o nosso trabalho são os textos “O Soldado Adormecido”, de Vasques da Cunha; “A estratégia da forma”, de Laurent Jenny; dentre outros. Nos tópicos a seguir, apresentamos alguns conceitos de intertextualidade e a relação entre as obras, fazemos uma pequena análise do livro *Verdicto em Canudos*, destacando o que mais chamou nossa atenção.

1. Verdicto em Canudos diálogos com Euclides da Cunha

O romance se inicia com o marechal Bittencourt estacionado, na companhia de outros oficiais e do escrivão, cabo O’Connel, em Rancho do Vigário, aguardando que sejam vencidos os últimos focos de resistência para que todos possam voltar para casa. Esperavam também a chegada de jornalistas de São Paulo e do Rio de Janeiro para dar

início à entrevista coletiva, delineada para ser o momento de exaltação do Exército brasileiro.

O marechal Carlos Machado de Bittencourt foi “o grande estrategista” que por fim vencera Canudos e nós acompanhamos os momentos finais deste confronto que duraram dez meses. Assim como, os leitores de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, tomam conhecimento desta batalha pela ótica do jornalista que viajou do Sudeste, cheio de preconceitos, para cobrir tais acontecimentos. Este jornalista está presente na obra de Sándor Márai, como personagem, “O homenzinho cujos pares chamavam de Euclides fez uso da palavra novamente” (MÁRAI, 2002, p. 55) e assim já podemos iniciar este diálogo tão profícuo entre estas duas produções.

Desde o título já é notória a intertextualidade, principalmente se considerarmos que na constituição da própria palavra, *intertextualidade*, existe uma relação entre textos. Para Laurent Jenny (1979) é praticamente impensável originalidade dentro do sistema literário, a estudiosa afirma (1979, p. 6) que “a compreensão da linguagem literária só pode ser adquirida na prática duma multiplicidade de textos, assim, a virgindade é igualmente inconcebível”. Por sua vez, Antonio Candido destacou que o fenômeno intertextual “se pode chamar *derressonância*, concebida como o eco de um texto em outro. Sem pretensão conceitual, seria possível distinguir dois tipos principais de ressonância, que poderiam ser denominados *inspiração* e *citação* (CANDIDO, 2004, p. 43, destaques do autor)”. Neste sentido, observamos a obra em análise¹ como uma ressonância e/ou desressonância de *Os Sertões*, uma vez que houve muitas reverberações de uma produção literária brasileira, país que esteve à margem em se tratando das “grandes” literaturas no cenário internacional e sabemos que Sándor Márai não foi o único a reescrever esta história.

Vale ressaltar que estudar as obras supracitadas comparativamente para mostrar os diálogos presentes, ou o que se convencionou a partir de Júlia Kristeva denominar de intertextualidade, não é novo, pois desde o Renascimento já existia essa concepção de que “os bons deveriam ser imitados”, e segundo Laurent Jenny (1979, p. 7) “o dogma da imitação, próprio do Renascimento, é também um convite a uma leitura dupla dos textos e à decifração da sua relação intertextual”; com isto, ratificamos a grandiosidade de *Os sertões*, pelas inúmeras ressignificações que tem a obra e reiteramos que apesar de não

¹ Utilizando-se de Candido (2004), queremos ressaltar que onde se encontra a palavra análise, leia-se comentário, uma vez que a análise prescinde de um maior aprofundamento, o que não faremos por hora, seja pelo gênero acadêmico escolhido, ensaio, seja pela quantidade de páginas pretendidas.

haver novidade no estudo intertextual, este trabalho foi sobremaneira significativo para nós como leitora.

O encontro com *Veredicto em Canudos* se descortinou sobre nós uma prazerosa descoberta e nos fez caminhar em várias direções. Aqui, tentamos delinear um desses caminhos e, às vezes, discutir algumas ramificações dele. Mas sempre com a convergência para um estudo que além de comparar as obras em destaque, também evidencie todas as peculiaridades do texto de Sándor Márai, que nos ressaltou aos olhos. O primeiro aspecto que nos chamou atenção foi o narrador, percebemos que o relato do cabo O'Conel é diferente do dos jornalistas que estavam em Canudos para cobrir a guerra. Por isto, inferimos que a linguagem do texto de *Veredicto* é mais acessível, apesar de sabermos que Oliver O'Conel era letrado, falava inglês, “[...] na minha infância me fez engolir a escrita, a leitura e a língua inglesa” (MÁRAI, 2002, p.10), e por isso foi escolhido como escrivão; “Por essa insistência sou grato, pois foi o que me levou ser o escrivão em Canudos naquela tarde”. (p.10). Mas, ao compararmos com o narrador de *Os sertões*, encontramos certo distanciamento.

Conforme Vasques da Cunha (2015, p. 79), no texto “O soldado adormecido”, “muitos alegam que não conseguem ler *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866 – 1909), por causa de seu tamanho volumoso e de seu estilo *aparentemente impenetrável*” (grifo nosso); ele ainda completa dizendo que após as vinte (20) paginas iniciais do livro o leitor se depara com uma descrição belíssima na parte intitulada “A Terra”. Como afirmamos anteriormente, reconhecemos a grandeza da obra, mas também a sua linguagem rebuscada que requer um enfrentamento através da leitura e depois a descoberta do prazer, esta realidade não ocorre em *Veredicto em Canudos*, pois desde o início as letras capturam o leitor. E conforme já dissemos, atribuímos isto ao narrador. Em *Os Sertões*, um jornalista que veio do sudeste cobrir o encerramento de um confronto que já se arrastava há dez meses. Com uma narrativa mais ampla, a obra é complexa e revela um cidadão perplexo diante de uma realidade totalmente desconhecida para ele. Já em *Veredicto*, o narrador é um cabo do exército com algum grau de escolaridade e que esteve presente em todos os acontecimentos. A diegese demonstra um ser imbuído da realidade que o circunda, cinquenta anos após o acontecimento dos fatos, contando-nos uma história que principia com sombras de veracidade, apesar de ao longo da narrativa existir uma preocupação em que o leitor acredite que tudo aconteceu como se estar relatando.

O escritor Sándor Márai utiliza alguns recursos interessantes, primeiro aproxima o narrador do leitor quando este começa expondo toda dificuldade que tem para iniciar a escrita do texto:

[...] conto com um reconhecimento passável da ortografia e das regras de gramática do português [...] toda vez que me dispunha a narrar as lembranças de Canudos, recuava, pois parecia uma empreitada risível e pretensiosa pronunciar-me depois dos relatos dos escritores de profissão e dos historiadores. (MÁRAI, 2002, p. 7)

Neste trecho, destacamos que o narrador mostra uma fragilidade diante da escrita, por causa de sua condição “eu não fui nada nem ninguém, a não ser um simples cabo”, seja pela idade, “apesar da idade”, ou pelo pouco estudo. Apresentando-se como “uma testemunha anônima” e com pouco grau de escolaridade, ele justifica o distanciamento entre seu modo de narrar e dos demais que o fizeram antes dele, com maior rebuscamento (Márai, 2002, p. 7). O segundo recurso que nos chama bastante atenção, também está no trecho acima e em outros que separamos, é o fato de o narrador se utilizar de uma possível memória falha e seletiva como justificativa para se afastar do compromisso com a verdade, apesar de a todo o momento, ao longo da obra, usar palavras que ratificam que os fatos realmente aconteceram.

Apesar da idade minha letra é legível, arredondada [...] eu não fui nada nem ninguém em Canudos a não ser um simples cabo e testemunha anônima. Ainda assim, resolvi escrever, porque já estou velho e logo – talvez nesta noite ou no próximo instante – deverei morrer. [...] Neste cinquenta anos, nunca esqueci daquelas quatro horas. Eu era rapazola. [...] O líder da guerra de Canudos era invisível – chamava-se Antônio, o Conselheiro. Creio que em outros países poucos ouviram falar dele. Não era comandante militar nem chefe de estado. Talvez fosse um louco. Apesar disso, fez com que há cinquenta anos atrás, no Sertão do Nordeste do Brasil, homens lutassem, matassem e morressem – matassem e morressem com paixão e convicção, como se o banho de sangue que denominavam guerra tivesse finalidade. [...] hoje com anos, penso às vezes que somente aquelas horas foram verdadeiramente significativas em minha vida – quando fui escrivão do marechal Bittencourt na edificação em ruínas do Rancho do Vigário. Tive família, mulher e filhos. Morreram todos em tempos de paz: parece que a paz também põe a vida em risco. Dizem que vivemos enquanto temos uma missão [...] Não sei se tenho alguma tarefa a cumprir antes da morte. Ou se simplesmente a inventei, a narrativa da história de Canudos, como pretexto para viver mais um pouco... Seja como for, comecei a rabiscar pressuroso. Porque a memória que registro agora é como doença de pele: coça e arde. (MÁRAI, 2002, p.p 7 – 9)

Este longo fragmento comprova tudo que falamos anteriormente sobre o narrador e sobre ele mesmo colocar em xeque a veracidade de sua história, mas, ao mesmo tempo reforçar que essa vivência de outrora o consome e ele precisa relatar ao mundo. Em se tratando do estilo do autor, ressaltamos que ele se distancia do cerco da história, não tomando-a apenas pelo episódio de Canudos, mas, se detém ao reduto de Antônio Conselheiro. No dia em que esse caiu, exatamente em 05 de outubro de 1897.

No instante em que *Verdicto* dialoga com *Os sertões*, foge do caráter somente histórico. Apesar de a última expedição enviada pela república ser comandada por Artur Oscar, na história quem se destaca é o marechal Bittencourt, enviado da Bahia para gerir os suprimentos alimentícios. Há um distanciamento entre as produções literárias discutidas neste trabalho, apesar da intertextualidade explícita, uma vez que “está explicitamente presente no conteúdo formal da obra” (LAURENT JENNY, 1979, p. 6). A primeira, que deu origem a tantas reverberações e abriu o sertão nordestino para o mundo, parece ter um caráter mais científico, a divisão nas três partes que a constitui (A Terra, O Homem e A Luta) já evidencia que se institui um verdadeiro tratado. Na leitura da obra, conhecemos o clima da região, a geografia do Brasil, “O Planalto Central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas” (CUNHA, 1973, p. 29). Desde o sul até o nordeste, o narrador redesenha o mapa geográfico para nós.

O cientificismo que acompanha a escrita de *Os sertões*, a minuciosa pesquisa apresentada através das descrições, num dado momento, faz com que o leitor acredite em todas as palavras postas como verdade absoluta, parecendo que não houve inventividade na narrativa. Mas, Vasques da Cunha (2015) nos mostra algo que desconhecíamos, a história de um soldado morto em 18 de julho. Ao destacar o trecho da obra o crítico diz que esse episódio lido nas páginas de *Os sertões* não se encontra nos registros oficiais da guerra, nem do próprio Euclides da Cunha, “é de notar que não há nenhuma menção ao soldado morto nas páginas do *Diário de uma expedição* ou da *Caderneta de Campo*, escritos que Euclides redigiu [...]” (VASQUES DA CUNHA, 2015, p. 81 grifo do autor). Esta informação ratifica que o texto de Euclides da Cunha é literário,² assim como pressuposto. No entanto, com uma riqueza de detalhes e uma busca por desnudar uma região esquecida pelo Brasil, muito maior que a obra reverberada³. Esta demonstra um teor maior de ficcionalidade e por se deter no reduto de Antônio Conselheiro, trazer

² Ressaltamos que Márai ler *Os sertões* primariamente como livro histórico, mesmo reconhecendo em Euclides da Cunha um dos pilares da moderna literatura brasileira (Notas do tradutor)

³ *Verdicto em Canudos*, de Sándor Márai.

inúmeras personagens explicitamente fictícias e um narrador irlandês, o mistério ronda cada acontecimento. Como por exemplo, o episódio da cabeça decepada que fala ao ser mostrada diante das câmeras fotográficas; e o narrador atesta que aconteceu.

O que aconteceu? Tenho o dever de contar – embora possa causar riso. Naquele momento aconteceu de a cabeça nos falar – a todos no recinto... Não com palavras ou sons, mas, de outro modo. Como acreditavam os sertanejos na caatinga: os mortos, nos primeiros tempos depois do falecimento, nos primeiros dias, eram capazes de se comunicar com os vivos. [...] O que disse?... Estranhamente, na quietude repentina, na imobilidade torporosa, entendemos a fala muda. Não só o marechal espantado, de olhos arregalados, vítreos, mas, os correspondentes desconfiados, cínicos, os homens cultos da cidade grande, também ouviram, na hora terminal da tragédia de Canudos, a cabeça – aquele fetiche de pêlos e ossos nas mãos do negro – bradar sem voz, dirigindo-se a todos. E o marechal, a fronte suada, enunciou gaguejante o que a cabeça gritava. Deu um passo para trás, endireitou-se e rouco – como quem a um tempo perguntava e respondia – berrou: ‘Brasil!...’ (MÁRAI, 2002, p. 62,63)

Esse recorte apesar de nos permitir uma leitura pelo insólito na Literatura, demonstra também grande crítica aos acontecimentos narrados até o momento, mostra quão grande foi a barbárie em Canudos e como pode um único país se digladiar entre si, com ideais que supostamente seriam em benefício da nação. O próprio personagem Euclides da Cunha, jornalista representante d’*O Estado de São Paulo* faz coro com a cabeça quando se ausenta diante do marechal Bittencourt:

[...] Com a extremidade da bengala apontou pela janela aberta as trevas, o sertão na direção de Canudos. Perguntou: ‘Sabe o que é aquilo na escuridão?’ ‘Sei’, disse em voz baixa. ‘*O Brasil*’. Respondeu com a palavra que tinha sido usada pela cabeça e pelo marechal – mas, num sentido diferente. Deu meia volta, preparando-se para partir. Antes que ele alcançasse a soleira, a voz do marechal o deteve: ‘Seu nome, senhor!’ A resposta veio em tom imparcial, cortês: ‘*Euclides da Cunha*’. (MÁRAI, 2002, p. 68, grifo nosso)

Esse trecho evidencia o caráter de denúncia da obra, nos faz ver enquanto leitora que as duas criações literárias são engajadas. A reposta de Euclides mostra que o país está lutando contra ele mesmo, contra seu povo que outrora estava esquecido e abandonado, mas, que quando resolve ir de encontro aos poderosos recebe retaliação. As citações também mostram o quanto à obra é atual, conforme Paulo Schiller, Márai intentava estabelecer “um elo entre a conflagração de Canudos nos confins do sertão e a

contemporaneidade, as últimas décadas do século XX” (SCHILLER, 2002, p. 153, nota do tradutor).

Em seguida, o narrador relata que para o marechal o nome Euclides da Cunha nada dizia, mas, para os demais correspondentes esse cidadão era conhecido ao ponto de ser referenciado. O próprio Oliver O’Conel observava tudo com entusiasmo, mas também não sabia de quem se tratava. Cinquenta anos depois, está diante dele inúmeras cópias de *Os sertões*, em muitas línguas traduzidas e variadas edições, na biblioteca em que trabalhava, “Agora, ao reviver esse momento, olhei as estantes onde se pode ler o nome Euclides da Cunha nas capas dos grossos livros encadernados”, e o cabo – escrivão, no momento da escrita auxiliar na biblioteca municipal de São Paulo, acrescenta que as milhares de palavras escritas na obra *Os sertões*, o escritor “assinalou naquela hora com uma única palavra: *Brasil*” (MÁRAI, 2002, p.68).

Assim finalizamos esse tópico, mesmo sabendo que muitos outros diálogos poderiam ser apontados entre as obras estudadas. No entanto, nos detemos em mostrar que apesar de Sándor Márai ter bebido em Euclides da Cunha e ter se apropriado da história exposta em *Os sertões*, o escritor húngaro o faz de maneira mais fluida no concernente a linguagem. Não se preocupa tanto com a Campanha de Canudos, em se tratando da formação social brasileira, mas, se detém no episódio final do conflito, no reduto do Conselheiro e revela-nos que o interesse maior na criação de *Veredicto* foi o que havia de patológico no evento e não exatamente os fatos históricos⁴. Destacamos também o caráter atual da obra, Antônio Conselheiro manda dizer que está vivo e de repente lemos o seguinte relato: “É inútil ter canhões. Amanhã haverá dez Canudos no Brasil. E depois de amanhã, cem” (MÁRAI, 2002, p. 85). Realmente, apesar de tantos momentos históricos vivenciados pelos brasileiros, o furor e a revolta presentes nos Canudenses nos tomam de assalto vez por outra e os brasis se enfrentam, com a mesma justificativa de outrora, é pelo bem da nação. Será?

No próximo tópico, nos detemos na obra de Sándor Márai, com destaque para a personagem que traz a notícia de que Antônio Conselheiro não morreu, esta mulher, jagunça, estrangeira se torna de total relevância, uma vez que vemos nela e no episódio em que ela aparece, o veredicto em Canudos ou de Canudos, pois este parece o réu que de fato está sendo julgado.

⁴ Tomamos conhecimento desses e de outros informes interessantes nas notas do escritor e do tradutor, a exemplo desse dado: “da obra de Euclides da Cunha não emprestei mais que os dados topográficos e as datas. E os nomes de alguns personagens. Todo o resto é invenção (MÁRAI, 2002, p. 152).

2. Veredicto em Canudos: perspectivas

Trouxeram diante do marechal Bittencourt uma jovem estrangeira que veio ao Brasil a procura do marido. Ela nunca tinha ouvido falar em Antônio Conselheiro, ao chegar a Canudos descobriu que ele havia morrido, após três meses naquele vilarejo ela tornou-se parte dele, esta informação é passada ao leitor pelo próprio marechal e de maneira perplexa, “Três meses foram tempo bastante para que a senhora, uma dama... passasse a fazer parte de Canudos?” (MÁRAI, 2002, p. 104), durante o grande interrogatório que é feito a esta mulher que nos é apresentada como uma jagunça esquelética e cadavérica, mas, que ao ser dado o direito dela tomar banho, o narrador diz que “emerge uma mulher de feições aristocráticas, e ainda bela” (MÁRAI, 2002, p.96).

Durante um longo interrogatório, em que todos que acompanhavam nada entendiam, a não ser os protagonistas, vemos que para o marechal Bittencourt Canudos é “outro mundo onde só havia afronta, perversão, ordem alucinada sem finalidade”; pelo ângulo da defesa advindo da parte da mulher, vinda de outras terras, Canudos é onde “o impossível é a única coisa em que vale apenas acreditar”. Interessa-nos essas perspectivas opostas, não apenas por ser a visão de um militar que luta em favor da república de um lado, e uma civil, aparentemente Canudense do outro, mas, por ser um brasileiro e uma estrangeira. Para nós, enquanto leitora, percebemos tanto duas visões bem distintas relacionadas às experiências que cada uma dessas personagens teve em relação à guerra, quanto à perspectiva de foco narrativo diferenciada, pois a obra é uma criação de um autor húngaro, com um narrador – personagem irlandês, demonstrando uma visão de quem esteve inserido no confronto de Canudos, uma vez que tanto o narrador quanto a mulher estrangeira vivenciaram-no de dentro, e o marechal Bittencourt vivenciou-o de fora.

Aqui, retomamos a ideia de *derressonância* exposta no início do tópico um (01), pois, entendemos essa apropriação e reescrita de *Os sertões* como uma criação de um autor estrangeiro que ao se deslumbrar com uma grande obra da literatura brasileira não se conteve enquanto não a produziu de uma região particular, mas, emprestando aos diálogos e observações do narrador um caráter universal, a ponto de não só trazer uma crítica ao massacre de Canudos quanto aos Canudos espalhados pelo mundo. Veredicto reconta os Sertões, reescreve suas memórias e influencia seus percursos. Em Laurent Jenny lemos: “o olhar intertextual é então um olhar crítico: é isso que o define”

(LAURENT JENNY, 1979, p. 10). Portanto, ratificamos a existência de intertextualidade entre as produções estudadas, desde as referências feitas à obra precursora, quanto à temática e engajamento social. Contudo, há distanciamento quanto aos narradores de ambas e a linguagem nelas contidas.

Para fim de conversa...

Destacamos o caráter intercultural desta obra e a relevância de tê-la conhecido, sabemos que a discussão aqui apresentada está aquém da quantidade de características que ainda poderiam ter sido abordadas. Percebemos os adjetivos pejorativos atribuídos aos Canudenses, a ironia perpassada diante da guerra, a exposição de um exército que se distanciava em muito da visão de imponência tantas vezes transpostas, principalmente pelos jornais da época.

Outra questão deveras relevante para nós foi a possibilidade de reencontro com *Os sertões*. Sempre o valorizei pela crítica e por ter conhecimento da grandiosidade de suas páginas, mas, a leitura sempre foi um desafio. Perceber o quanto este livro foi ressignificado/retomado por autores de nacionalidades diversas mostrou-nos ainda mais a qualidade estética desta obra e da Literatura Brasileira que tantas vezes fica a margem e preterida diante das Literaturas universais.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. Ressonâncias. In: _____. *O Albatroz e o clichê*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- _____. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Fontes, 1979.
- LAURENT JENNY. A estratégia da forma. *Poétique*: revista de teoria e análise literárias. Nº 27. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- VASQUES DA CUNHA, Martim. O soldado Adormecido. In: _____. *A poeira da Glória*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Recebido em: 23 de set. 2018

Aceito em: 18 de dez. 2018